

Modelos e Práticas de Formação Inicial de Professores
Supervisão da Prática Pedagógica

Maria Helena Fidalgo Esteves - Departamento de Geografia

Faculdade de Letras - Universidade de Lisboa

Formação Inicial de Professores de Geografia

Supervisão da Prática Pedagógica: modelo, problemas e desafios

1. Algumas considerações sobre o "modelo" de supervisão da prática pedagógica em
Geografia

O "modelo" de supervisão da prática pedagógica seguido pelo departamento de Geografia tem presente o seguinte conceito de "supervisão":

"... o objecto da supervisão não é fazer julgamentos sobre as competências dos professores, nem controlar o seu trabalho, mas sim trabalhar em cooperação com eles. "

Hoy (1986)

É certo que a avaliação faz parte do processo de supervisão, mas tem mais a ver com a evolução demonstrada pelo professor estagiário na sua prática pedagógica, não se limitando a ser uma mera classificação de um desempenho pontual.

Porquê?

1. A única pessoa que pode melhorar efectivamente a sua prática pedagógica é o próprio professor (o orientador pode incentivar e apoiar, mas a verdadeira motivação é intrínseca).

2. Os professores estagiários precisam de uma certa margem de liberdade para desenvolver os seus estilos próprios de ensino (o orientador deve estar atento aos diferentes estilos pessoais).
3. As mudanças relacionadas com a prática pedagógica requerem não só o apoio social (o trabalho no grupo de estágio ou mesmo no grupo disciplinar é muito importante e deve ser incentivado), mas também o estímulo intelectual (esta é a oportunidade de os estagiários aplicarem as suas aprendizagens académicas e desenvolverem/experimentarem novas práticas).
4. Melhorar as práticas de ensino é mais provável que aconteça se o professor não se sentir pressionado ou controlado (daí o papel do orientador que estimula a reflexão e a cooperação, evitando uma supervisão coerciva e dominadora).

Uma eficaz Supervisão da Prática Pedagógica também deverá passar por determinadas competências e funções que o Orientador Local (aquele que trabalha com os estagiários nas escolas) deverá evidenciar (adaptado de Vieira, 1993):

1. Na área da Supervisão (entendida como o processo de monitoração da prática), o Orientador deverá demonstrar competências que se relacionam com as suas atitudes profissionais e pessoais (espírito de abertura, disponibilidade, flexibilidade e sentido crítico) para facilitar o seu relacionamento no grupo de estágio e a sua função de informar;
2. Na área da Observação (entendida como estratégia de formação), o Orientador deverá demonstrar competências na área dos saberes (do processo de supervisão, do processo de observação e da didáctica da Geografia), com o objectivo de exercer as suas funções de reflexão sobre as observações realizadas, questionar as estratégias

utilizadas e sugerir, sempre em conjunto com os estagiários, caminhos alternativos no sentido de alargar os seus horizontes no domínio da prática pedagógica.

3. Na área da Didáctica da Geografia deverá demonstrar competências relacionadas com o campo especializado de reflexão e experimentação, dentro da sua área científica, nomeadamente de descrição, interpretação, comunicação e negociação, visando exercer de forma eficaz a sua função de encorajar o trabalho dos professores estagiários e assim poder realizar uma avaliação formativa e sumativa, sempre resultante no trabalho desenvolvido no âmbito do grupo de Estágio.

Deste modo, o "modelo" de Supervisão da Prática Pedagógica orientador da formação inicial de professores de Geografia concebe a "prática" mais próxima de um trabalho de cooperação e orientação do que efectivamente de "supervisão" (no sentido de controlo e imposição que surge muitas vezes associado à imagem do Orientador Local e das Faculdades).

Segundo Hoy (1986) os Orientadores Locais são professores mais graduados (*staff members who supply advice*) que fornecem ajuda e dão conselhos aos novos colegas e futuros docentes. A sua autoridade deverá resultar, não do cargo que ocupam embora o seu poder de avaliar os estagiários lhes confira um poder inquestionável, mas deverá resultar das suas capacidades de gerir as relações humanas que se estabelecem entre aqueles que vai orientar e o cargo que ocupa (e que para o qual se candidatou e foi seleccionado). Procurando distinguir melhor esta posição do Orientador Local/ de Estágio, Hoy sugere uma comparação com a visão mais tradicional do supervisor como símbolo do poder face aos outros professores e membros da comunidade educativa - o director, que também exerce funções de supervisão (*Principal, who issues directives*).

Modelo diferenciado da Supervisão do processo educativo

Papel	Posição profissional	Nível de actuação	Relação com a autoridade	Orientação das suas funções	Função de supervisão
Orientador Local/ Estágio	Faz parte do corpo docente	Técnico/ Pedagógico	Possui uma autoridade informal que resulta da sua experiência e qualidades pessoais (não tem autoridade formal)	<ul style="list-style-type: none"> - Profissional - Perspectiva a longo - prazo - Teórica - Visando mudanças 	<p>Melhorar o processo de ensino- aprendizagem através de do trabalho directo e em cooperação com os professores estagiários no sentido de:</p> <ul style="list-style-type: none"> - planearem em conjunto o processo de ensino - aprendizagem; - observação das aulas/das classes e professores em actuação; - analisar criticamente em conjunto o ensino e a aprendizagem; - melhorar as planificações e mudar as práticas menos eficazes;
Director	Cargo de gestão/admni nistração	Gestão e Administração da Escola	Possui uma autoridade formal dada pela posição que ocupa (a autoridade informal pode ser desenvolvida)	<ul style="list-style-type: none"> - burocrática - perspectiva a curto - prazo - prática - visando estabilidade 	<p>Melhorar o clima organizacional da escola promovendo:</p> <ul style="list-style-type: none"> - interacções eficazes entre a direcção e o corpo docente - autonomia profissional dos professores - bom ambiente de aprendizagem - elevados níveis de performance de professores e alunos - liderança participativa e apoiada pela escola - motivação elevada e participação de todos nas tomadas de decisão - controle dos grupos - moral elevado - segurança - confiança

Fonte: Hoy (1986)

Parece claro que o Orientador Local tem um papel bem definido na área da supervisão da prática pedagógica. A orientação de professores estagiários tem uma dimensão reflexiva muito importante e deve ser orientada segundo uma perspectiva relacionada com as consequências a longo- prazo da formação destes professores, no que se refere ao seu comportamento e capacidade de adaptação e mudança. Deste modo, o grupo de estágio está particularmente vocacionado para a análise, prática e reformulação dos diferentes estilos de ensino e de aprendizagem, feita por estagiários e orientadores, no sentido de melhorar o processo de ensino/aprendizagem. A observação directa do professor - estagiário na sua aula está no centro do trabalho de supervisão da prática pedagógica e é sempre objecto de estudo e modificações resultantes do trabalho conjunto do grupo de estágio.

No caso particular da Geografia, uma vez que o Estágio surge integrado na Licenciatura que o estudante deverá concluir, os alunos são por vezes confrontados com esta dualidade que surge do facto de, ao mesmo tempo, serem alunos e professores, com toda a carga de responsabilidade que implica concluir o Estágio. Sem este, não serão licenciados nem serão professores, a profissão para a qual se prepararam durante quatro anos lectivos.

Este facto torna ainda mais importante o papel que o orientador de Estágio deverá desempenhar no acompanhamento destes futuros docentes. A Supervisão da Prática Pedagógica deve também atender a estas questões, no sentido de proporcionar uma formação inicial adequada ao tipo de professores com que se está a lidar. Esta tem sido uma das grandes preocupações com os estagiários de Geografia que têm realizado o seu estágio nos últimos anos lectivos, por parte do Departamento de Geografia e da Comissão de Estágio.

2. A Formação Inicial de Professores em Geografia - a prática

Tal como no modelo apresentado anteriormente, a Supervisão da Prática Pedagógica que é feita pelo Orientador Local de Geografia, e que segue muitas das dimensões referenciadas sobre o que deve ser o papel do Orientador de Estágio, vai incidir sobre um conjunto de áreas nas quais os estagiários deverão demonstrar as suas competências. É exactamente através da análise das áreas mais relevantes em termos do seu peso na avaliação dos estagiários que se procurará exemplificar como o modelo de Hoy encontra reflexos na prática em termos de formação inicial de professores. As áreas sobre as quais incide a avaliação dos estagiários de Geografia são as seguintes:

1. Planeamento do Processo de Ensino - Aprendizagem
2. Formação Científica e Pedagógica
3. Concretização da Aula
4. Integração na Vida Escolar
5. Atitudes profissionais

Estas áreas têm pesos diferentes em termos de avaliação, sendo as mais relevantes a área de Concretização das Aulas (8/20), a das Atitudes Profissionais (5/20) e a do Planeamento do Processo de Ensino- Aprendizagem (4/20).

Para o Orientador de Estágio e para o professor - estagiário , parece claro que a Concretização das Aulas é a área mais significativa em termos de avaliação do Estágio já que é na prática, aqui vista no sentido mais estrito , que se vai reflectir muito do trabalho já realizado no grupo de estágio, de preparação, planificação, etc. No entanto, é também a partir da observação do desempenho dos professores estagiários que vai ser possível analisar práticas menos conseguidas, reformular estratégias, avaliar mesmo a

eficácia do professor junto do grupo turma, no sentido de a motivar para a aprendizagem dos conceitos específicos da disciplina, sugerir novos caminhos e assim acompanhar de forma construtiva e reflexiva este primeiro ano de contacto com a docência.

O que avalia o Orientador de Estágio no que se refere à Concretização das Aulas? São oito as dimensões mais importantes a desenvolver e para tal apresenta-se o que é considerado um bom desempenho do Estagiário nestas oito dimensões:

- a) Gestão do Tempo e do Espaço: revela uma gestão eficaz do tempo e organiza o espaço da aula de acordo com as estratégias que implementa e com os diferentes ritmos de aprendizagem;
- b) Motivação: clarifica com os alunos os objectivos a atingir de modo a empenhá-los na implementação das estratégias e cria situações problemáticas capazes de tornar as aprendizagens significativas;
- c) Utilização dos recursos:
 1. Materiais didácticos: explora, com eficácia e oportunidade, materiais adequados às estratégias que estabeleceu e utiliza recursos diversificados, entre os quais, o quadro;
 2. Trabalho de campo: organiza em colaboração com os alunos, situações de aprendizagem que envolvem o trabalho de campo e faz a avaliação do trabalho com a participação dos alunos
- d) Facilidade de expressão e comunicação: revela facilidade de expressão e de comunicação na língua portuguesa e usa uma linguagem correcta e adequada às características e ao nível etário dos alunos;
- e) Desenvolvimento de capacidades no aluno: Encoraja os alunos a participarem voluntariamente, explora situações de aprendizagem dando oportunidade de

participação a todos os alunos e incentiva a colaboração dos alunos na construção da aula;

- f) Capacidade de inflexão: revela maleabilidade na execução do plano, tirando partidos das situações contextuais e desenvolve os conteúdos de forma interligada;
- g) Controle da situação disciplinar: proporciona um bom ambiente de trabalho e domina situações imprevistas;

Todo o trabalho do grupo de Estágio orienta-se para um tipo de aulas que tenha as características apresentadas, independentemente do estilo pessoal do professor e é a partir da análise e reflexão conjunta que o Orientador apresenta sugestões, orientações sobre como conseguir aqueles aspectos mais difíceis de concretizar. Mas como a supervisão da prática pedagógica não passa apenas pela observação das aulas, como se demonstrou pela apresentação das áreas em que os professores em formação inicial são avaliados, mas pelo contrário, ela é concebida no sentido mais lato do envolvimento do professor nas várias dimensões da escola (aula, grupo disciplinar, grupo de estágio, corpo docente e não docente), a segunda dimensão com mais peso no modelo de estágio de Geografia é exactamente a questão das atitudes profissionais. Relembrando o modelo de Hoy (1986), o Orientador Estágio orienta as suas funções não só no domínio profissional e teórico, mas também visualizando a formação destes novos professores a longo prazo. Daí a importância das atitudes profissionais que se passa a clarificar:

- a) Responsabilidade: aceita tarefas que exigem esforço, cumpre com empenho os compromissos, defendendo as suas concepções, é assíduo e pontual;
- b) Capacidade de análise crítica: reconhece a importância da dimensão reflexiva no crescimento profissional, revela capacidade de análise, expressando os seus juízos de forma fundamentada, utiliza as críticas no sentido de se aperfeiçoar;

- c) Iniciativa e criatividade: revela criatividade no trabalho de planeamento, na produção e na selecção de materiais, explora e resolve situações imprevistas e tem espírito de iniciativa;
- d) Relações humanas
1. Com os alunos: encontra soluções para os problemas dos alunos, manifesta empatia e respeito, valoriza os aspectos positivos do trabalho, revela espírito de abertura e colaboração, procura desenvolver a autonomia e o sentido de responsabilidade;
 2. No grupo de Estágio e na Escola: revela maturidade nas relações que estabelece com os professores e com os restantes membros da comunidade escolar, fomenta e mantém boas relações no núcleo e na escola, tem um comportamento facilitador do trabalho.

Parte do trabalho de Estágio, para além do desenvolvimento de competências científicas relacionadas com a disciplina de Geografia, envolve o desenvolvimento de um conjunto de competências didácticas e profissionais que visam preparar o professor estagiário para a instrução de qualquer nível da disciplina, em qualquer tipo de instituição escolar, já que o centro da formação, o nível em que a eficácia do professor deverá ser a máxima, é exactamente a sala de aula, as turmas com que lidará ao longo do seu percurso profissional.

As atitudes profissionais prendem-se com as acções esperadas de um profissional competente, junto dos seus alunos, do seu grupo disciplinar, no trabalho com equipas de professores, e outras áreas de intervenção. Numa altura em que a revisão curricular pressupõe parcerias em várias áreas disciplinares (PI e EA, por exemplo),

esta dimensão assume uma importância ainda mais significativa e justifica o investimento em termos de formação inicial de professores que é feito nesta área.

3. Questões para reflexão na área da Supervisão da Prática Pedagógica

A teoria e prática apresentada relativamente à Formação Inicial dos Professores de Geografia, segundo o modelo da Licenciatura em Ensino da Geografia (Estágio integrado na Licenciatura) da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, não esgota a reflexão a fazer sobre a área da Supervisão da Prática Pedagógica.

Em primeiro lugar, parece claro que a componente prática em termos de formação inicial tem grande importância no modelo de estágio em Geografia. Esta componente prática, no caso particular da Geografia (uma disciplina que procura ensinar a compreender o "meio" que nos rodeia, meio este concebido a diferentes escalas) inclui não só a prática lectiva, mas também o trabalho prático sobre temas de interesse dos alunos, classificado de trabalho de campo, sem o qual qualquer estagiário terá uma classificação insuficiente no conjunto das áreas em que é avaliado.

O contexto em que a componente prática se desenvolve está muito dependente do tipo de escola onde o estagiário está a leccionar, facto que poderá criar logo à partida situações de diferentes oportunidades para a concretização de muitos aspectos relacionados não só com a componente lectiva, mas também com a concretização de trabalho de campo. É facto reconhecido que, salvo raras excepções, são atribuídas aos estagiários turmas de repetentes, turmas com alunos de ensino especial (amblíopes, problemas auditivos ou mesmo deficientes motores e alunos com problemas mentais), entre outras situações. Claro que, mais cedo ou mais tarde, os professores lidarão com turmas com problemas concretos, mas parece um pouco cedo e pouco adaptado à

formação inicial dos professores, a atribuição de turmas com estas características a quem começa a leccionar. Este facto não significa que os estagiários não sejam capazes de leccionar estas turmas, até melhor que muitos professores com um longo percurso profissional, mas pode dificultar a implementação de certas estratégias e assim desvalorizar a sua avaliação em alguns itens nos quais vão ser pontuados e que certamente não prevêm situações deste tipo. De salientar, que muitas vezes, estas são as únicas turmas que as escolas têm para oferecer, o que leva a pensar que devessem reflectir nas suas condições para a abertura de núcleos de estágio.

O Orientador de Estágio tem um papel fundamental na articulação entre o conhecimento académico (especialidade e Ciências da Educação) e o conhecimento profissional. No entanto, é também reconhecido aos estagiários a importância de demonstrarem capacidade de iniciativa nestas áreas, facto que só valorizará o seu desempenho. Logo, o Orientador deverá funcionar como um conselheiro, face às ideias que lhe são propostas, sem que isso signifique omissão do seu papel de orientar e clarificar certos aspectos menos correctos das propostas apresentadas no grupo de estágio.

O problema é que a maior parte dos Orientadores trabalha com base na sua experiência de muitos anos de prática lectiva, já que essa é a única formação que o sistema educativo lhes oferece. Muitos reflectem mesmo no seu trabalho o modelo de Estágio que fizeram (os Orientadores de Geografia têm entre 30 a 50 anos de idade, em média), o que mais uma vez vem criar situações, em termos do que é exigido aos estagiários, que variam muito de escola para escola. A Comissão de estágio tenta colmatar estas diferenças aferindo o trabalho realizado nos diferentes grupos de estágios, mas nem sempre consegue detectar todas as situações existentes.

A questão acima referida leva a outra de extrema importância - que formação profissional para os professores de professores? Ela não existe formalmente, e a

experiência continua a ser o aspecto que condiciona a actuação destes professores de professores. Talvez fosse importante o Ministério da Educação criar um tipo de formação adequado a professores que pretendam vir a desempenhar a função de Orientadores de Estágio, formação esta que poderia ser creditada para efeitos de progressão na carreira. O único tipo de formação para Orientadores que pretendam uma actualização dos seus conhecimentos em termos de Supervisão e Orientação Pedagógica existe em algumas Faculdades sob a forma de Cursos de Especialização ou Mestrados, mas a sua frequência não é apenas orientada para professores de professores e é obviamente voluntária e nem sempre possível de conciliar com o trabalho nas escolas.

As relações entre as escolas e as Universidades são complexas. Em primeiro lugar, quem selecciona as candidaturas à abertura de núcleos de estágio é o Ministério da Educação, que só posteriormente faz chegar esta listagem aos departamentos das Faculdades. É a partir desta listagem de vagas disponíveis para estágio que os alunos estagiários concorrem para preencher as vagas existentes. No caso particular da Geografia, procura-se trabalhar com orientadores já conhecidos de anos anteriores e cujo desempenho profissional e científico tenha sido exemplar. Mas, há núcleos que fecham, outros novos que abrem, e como a pressão sentida é a de proporcionar aos alunos a realização do Estágio para que concluam a sua licenciatura, nem sempre é possível trabalhar nas condições acima referidas. O departamento de Geografia continua assim a desenvolver o seu trabalho de coordenação entre os núcleos de Estágio, mas não tem condições para fazer mais, facto que é muitas vezes pedido pelos Orientadores.

A perspectiva académica e a perspectiva profissional, encontram-se no trabalho realizado nas Escolas. A Supervisão da Prática Pedagógica, inclui também os saberes académicos, já que o professor de Geografia não pode cometer erros científicos. Deve assim demonstrar o seu saber académico através de um desempenho profissional

adequado ao nível de escolaridade com que trabalha, e obviamente esta ligação deve sempre partir de uma reflexão constante sobre a prática no sentido de a adequar aos níveis com que trabalha.

A avaliação formativa dos estagiários tem um papel muito importante na formação inicial de professores de Geografia. Ela é sistemática, e tem um ponto importante de reflexão onde Orientador e Estagiários fazem uma qualificação do trabalho desenvolvido que é apresentada na Comissão de Estágio para que esta fique com uma noção do trabalho que tem sido realizado pelos diferentes núcleos de estágios. Esta avaliação formativa é apenas indicativa e não vinculativa, do trabalho desenvolvido pelos estagiários. De uma maneira geral não existem grandes divergências entre a forma como estagiários e Orientador visualizam o trabalho desenvolvido, facto que resulta certamente de uma reflexão e análise feita pelos diferentes actores, desde o início do estágio. Esta avaliação formativa tem a vantagem de dar a conhecer aos estagiários o nível em que se situam (Insuficiente, Satisfatório, Bom), os aspectos em que deverão melhorar as suas práticas, aquelas áreas contempladas no Instrumento de Avaliação onde ainda não fizeram grandes investimentos. É muito comum, a preocupação principal dos estagiários se centrar na concretização das aulas, naqueles pontos onde têm conseguido melhores resultados, deixando para segundo plano outros, que por serem mais problemáticos, são objecto de atenção em fases mais avançadas do trabalho.

O momento da avaliação formativa é também uma altura importante de reflexão sobre a prática pedagógica, sobre a Supervisão da Prática Pedagógica, onde o grupo de estágio troca impressões sobre o trabalho desenvolvido e a desenvolver.

A reflexão sobre o novo papel do professor no âmbito da revisão curricular é um aspecto que deverá abranger os Modelos e as Práticas de Formação Inicial de Professores e que se irá certamente reflectir no tipo de estágio a realizar e mesmo

naquilo que se entende como Supervisão da Prática Pedagógica. No caso particular da Geografia, e talvez nas restantes disciplinas curriculares, terão que ser equacionados aspectos como as funções docentes no âmbito da Geografia, as funções docentes no âmbito das áreas curriculares não disciplinares e noutras áreas em que o professor será chamado a desempenhar tarefas ou determinados cargos. Tudo isto irá reflectir-se numa revisão das áreas em que decorre a Supervisão da Prática Pedagógica, e assim, numa reflexão sobre as áreas sobre as quais incide o modelo de avaliação do Estágio de Geografia. Esta tarefa caberá mais uma vez à Comissão de Estágio de Geografia, no sentido de conciliar a formação inicial de professores com a perspectiva académica da Licenciatura em Ensino da Geografia e as novas exigências do modelo de revisão curricular.

4. Referências Bibliográficas

HOY, W. & FORSYTH, P. (1986). *Effective supervision: theory into practice*. New York: Random House

VIEIRA, F. (1993). *Supervisão: uma prática reflexiva de formação de professores*. Edições ASA

Instrumento de avaliação do Estágio Pedagógico de Geografia - Departamento de Geografia/Comissão de Estágio de Geografia

Maria Helena Fidalgo Esteves

Departamento de Geografia / Faculdade de Letras